



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS DE GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA

OZANA PAULINO SOARES

HISTÓRIA, LITERATURA E ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: ANÁLISE
COMPARATIVA DA REPRESENTAÇÃO DA PESSOA NEGRA EM OTELO
E O MULATO

Guarabira-PB
Setembro/2013

OZANA PAULINO SOARES

HISTÓRIA, LITERATURA E ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: ANÁLISE
COMPARATIVA DA REPRESENTAÇÃO DA PESSOA NEGRA EM OTELO
E O MULATO

Monografia apresentada a Coordenação do
Curso de Especialização em Literatura
Comparada, da UEPB, Campus Guarabira
como requisito parcial a obtenção do Título
de Especialista em Literatura Comparada,
sob a orientação do Prof. Dr. Waldeci
Ferreira Chagas.

Guarabira-PB
Setembro de 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S256h Soares, Ozana Paulino

História, literatura e estética da recepção: análise comparativa da representação da pessoa negra em Otelo e o mulato / Ozana Paulino Soares. – Guarabira: UEPB, 2013.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

1. Literatura Comparada 2. Estética da Recepção 3. Negro – Representação Social I. Título.

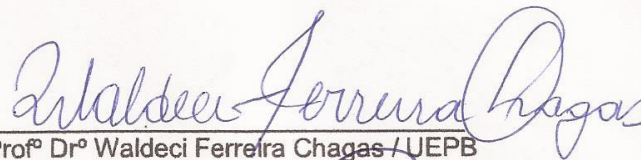
22.ed. CDD 410

OZANA PAULINO SOARES

**HISTÓRIA, LITERATURA E ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: ANÁLISE
COMPARATIVA DA REPRESENTAÇÃO DA PESSOA NEGRA EM OTELO E
O MULATO**

BANCA EXAMINADORA

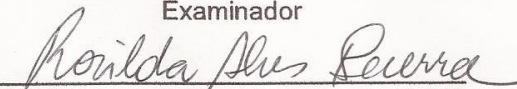
Aprovada em 29/08 2013.



Profº Drº Waldeci Ferreira Chagas / UEPB
Orientador



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima / UEPB
Examinador



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria, pelo carinho e apoio incondicional na minha trajetória estudantil, propiciando as condições necessárias para a realização deste trabalho e pela paciência nesses últimos anos de luta.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus nosso Pai e Criador, que com sua infinita bondade me deu forças para finalizarmos o curso e este trabalho.

Aos meus pais, Maria e Luis, aos meus irmãos Emília, Verônica, Gabriel, Leonildo e Leonilço, que apesar das dificuldades, sempre me incentivaram, cada um à sua maneira, por entender que a conquista de um ideal exige sacrifícios e determinação.

A Aurileide Barbosa, uma grande companheira de lutas.

A UEPB (Campus III) e a todos os professores que presenciaram a minha trajetória no período do curso, minha primeira pós-graduação, particularmente a pessoa do Professor Orientador Waldeci Ferreira Chagas, pelo esforço, estímulo, dedicação e orientação a este tema, além de professor, um amigo.

Aos colegas de turma principalmente as pessoas de Fátima, Marília e Jair.

A todos, meu eterno agradecimento.

Prefiro ser essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo. Do que ter aquela velha opinião. Formada sobre tudo. (Metamorfose Ambulante/Raul Seixas).

RESUMO

O presente estudo busca realizar um estudo comparativo entre as obras literárias de Otelo e O mulato, tendo como foco de análise a representação da pessoa negra. Fazendo ao mesmo tempo uma ponte com as linhas de pensamentos inerentes ao referido estudo. No decorrer do texto serão encontrados aspectos que falam da fundamentação teórica do nosso estudo comparatista. Como também são expostos temas relevantes para a construção de ideias inovadoras e críticas, partido de uma mesma premissa, mas que venha lograr como “originais”. Tanto a História literária quanto o culturalismo e a estética da recepção, foram fundamentais para o embasamento teórico do texto em referência.

Palavras-chave: História; literatura comparada; estética da recepção; representação da pessoa negra.

ABSTRACT

The present study aims to conduct a comparative study of the literary works of Othello and The Mulatto, focusing on analysis of the representation of black people. While making a bridge with the lines of thought inherent in this study. Throughout the text will be found aspects that speak of the theoretical basis of our comparative study. How exposed are also topics relevant to the construction of innovative ideas and criticisms, party of the same premise, but will achieve as "original". Both literary history as culturalism and reception aesthetics, were fundamental to the theoretical background of the text in question.

Keywords: history; comparative literature; aesthetics of reception; representation of black person.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	15
A HISTÓRIA, LITERATURA E O ESTUDO DE TEXTOS LITERÁRIOS COMPARADOS: A ESTÉTICA E A RECEPÇÃO.....	15
1.1. A HISTÓRIA E LITERATURA	18
1.2. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA CRÍTICA LITERÁRIA.....	21
CAPÍTULO II	26
HISTORICISMO E CULTURALISMO PRESENTES NAS OBRAS LITERÁRIAS	26
2.1. CULTURA E SOCIEDADE	26
2.2. HISTORICISMO E CULTURALISMO: DISCUTIDOS PELO VIÉS DE UM PESQUISADOR.....	28
CAPÍTULO III	32
ANÁLISE COMPARATISTA A LUZ DA REPRESENTAÇÃO DA PESSOA NEGRA NAS OBRAS LITERÁRIAS: O MULATO E OTELO.....	32
3.2. O MULATO, DE ALUÍSIO AZEVEDO.....	38
3.3. OTELO E O MULATO, SEMELHANTES E TRÁGICOS.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é fazer uma ponte entre as obras textos “O Mulato” e “Otelo” que relatam a história mistificada de Inês de Castro. Mediante as pesquisas realizadas e diante da vasta produção no campo literário, as quais informam e exemplificam os termos relacionados com a nossa proposta de estudo recorreremos aos pressupostos teóricos de alguns autores, visto reforçarem nossa pesquisa e a discussão que fazemos; autores como: AZEVEDO (1987), CERTEAU (1982), SHEAKESPEARE (1998), MIRANDA (2009), OLIVEIRA (2007), ZILDMAM (1989).

Assim nos aprofundamos nas questões que envolvem o tema central dos textos, como também ansiamos em mostrar a relação entre a história e a literatura, à linguagem e outras áreas do conhecimento, como também a forma e os aspectos divergentes e similares entre os dois textos focados para a análise. Salientamos que as duas obras em questão partem de matrizes distintas, tanto no que diz respeito ao gênero quanto ao contexto histórico, momentos e realidade dos autores.

A cada momento, a sociedade descobre novas necessidades e por isso, busca novos objetivos. Tais transformações ocorrem em todas as áreas do conhecimento humano, e não podia ser diferente no campo da literatura. Por ser dinâmica, a literatura acompanha a evolução da humanidade, nesse sentido, adaptam-se as necessidades humanas e do seu público leitor, inova e retrata a realidade social de um determinado momento histórico. Portanto, as atividades humanas fazem parte da realidade construída historicamente, nesse sentido, toda pesquisa histórica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural.

Logo, os movimentos que ocorrem no âmbito da literatura ficam registrados, geram resultados, muitas vezes esperado, e por isso a maneira de investigação do pesquisador deve ser calcada em vários aspectos, principalmente aqueles que influenciam de forma significativa a produção literária e a perpetuação da história.

O advento da modernidade social, dos meios de informação de larga escala, e o maior grau de instrução das pessoas, todos estes fatores levaram a sociedade a exigir uma postura equivalente dos (as) pesquisadores (as) contemporâneos. A partir de então pesquisadores (as) passaram a propor a escrita da história como um auxílio para

à prática da história e junto com “a historiografia passaram a trabalhar na perspectiva de encontrar um presente que represente o término de um percurso”. Assim como toda área do conhecimento tem sua historiografia, na literatura não seria diferente.

Neste sentido a peculiaridade deste trabalho está em fazer uma reflexão analítica acerca de textos literários, comparando-os e desvendando os aspectos sociais e históricos, tendo como foco principal os textos “O Mulato” de Aluísio de Azevedo e “Otelo” de Shakespeare.

No primeiro capítulo discutimos sobre a história, literatura e o estudo de textos literários comparados. Pois a literatura se transforma em história, mesmo que os fatos sejam ditos de forma “fictícia”, pois acreditamos que a partir do momento que se estuda o texto literário este está se revivendo a história.

No segundo capítulo fazemos uma exposição do historicismo e culturalismo presentes nas obras. E assim, como em toda a história da literatura os aspectos culturais são expostos. Em qualquer tempo, a literatura se confunde com a história e esta expressa à cultura e por consequência, a cultura, sempre teve um lugar de destaque, representando mudanças históricas por meio da literatura ou outras manifestações.

Nessa perspectiva nosso objetivo também é fazermos um estudo comparado dos textos “O Mulato” e “Otelo”, o que consideramos importante para o desenvolvimento de futuras pesquisas.

No terceiro capítulo disponibilizamos uma análise comparada dos textos “O Mulato” e “Otelo”, e enfatizamos as representações do preconceito racial.

Muitos são os estudos que discutem o preconceito racial. As obras literárias não poderiam ficar fora dessa questão, e também discute a questão a luz da discriminação, como uma das várias temáticas sociais. O racismo é uma forma de desvalorizar as diferenças de outros seres humanos, e fundamenta-se na crença de que existem seres “superiores”, para tanto, atribuem-se características inferiores no âmbito étnico, cultural ou social a outros sujeitos sociais.

Em ambas as obras, as personagens são condicionadas a sociedades extremamente preconceituosas, sem demonstrarem algum interesse às outras características do ser pessoa, suas qualidades e virtudes.

Neste contexto também encontramos a dualidade das personagens entre obedecer à instituição familiar ou seguir o caminho do amor, enfrentar tudo e principalmente, o preconceito. É nesta seara de acontecimentos que desenvolvemos nosso estudo, e trazemos a luz da consciência crítica a análise dos textos. O tema por ser vasto e complexo, sem dúvida, demandaria mais pesquisa e acúmulo de discussão do que conseguimos reunir, porém acreditamos que este estudo implicará na formação de uma análise e opinião própria sobre o assunto.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA, LITERATURA E O ESTUDO DE TEXTOS LITERÁRIOS COMPARADOS: A ESTÉTICA E A RECEPÇÃO

Neste capítulo fazemos uma exposição da relação entre história e literatura, fazendo uma discussão junto ao novo ramo das ciências humanas que é a literatura comparada. Como também traremos no decorrer do texto um diálogo com a estética da recepção. Propomos realizar um estudo analítico, não necessariamente técnico, mas teórico entre: história, literatura e a estética da recepção, que possa mostrar o quantum da relação que há entre a história e a literatura e vice-versa.

Posto que nossa pesquisa fundamenta-se em um estudo literário comparativo, é interessante e necessário discutirmos a relação entre a literatura comparada e a história.

Entre tantos conceitos, o mais simples e compreendido é o de que a literatura comparada esboça um estudo comparatista, analítico, feito a partir de duas obras distintas ou não, de autores distintos ou mesmo autor. Tal estudo pode se relacionar em pontos semelhantes ou divergentes. Está relacionada com a teoria literária, mas também com a história literária.

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. [...] (CARVALHAL, 2006, p. 08).

Sobre este tema temos uma pesquisadora brasileira, Tânia Franco Carvalhal, que se empenhou em pesquisas e estudos sobre a literatura comparada. Carvalhal sintetiza a literatura comparada como recurso analítico e interpretativo, mas também deixa claro que existem várias interpretações e conceitos, no entanto nos alerta que a literatura comparada não é apenas “comparar”, vai muito além.

E o sentido da expressão "literatura comparada" complica-se ainda mais ao constatarmos que não existe apenas *uma* orientação a ser seguido, é adotado certo ecletismo metodológico. Em estudos mais recentes, vemos que o método (ou métodos) não antecede à análise, como algo

previamente fabricado, mas dela decorre. Aos poucos se torna mais claro que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de "comparação" (CARVALHAL, 2006, p. 07).

Partindo dessa premissa introdutória a literatura comparada nos remete a outros estudos. Neste caso específico a história e a literatura. Mas não paramos nestes dois temas, abordamos também a estética e recepção focando o teor literário crítico presente em todo o desenvolver do nosso estudo.

As pesquisas científicas realizadas por pesquisadores-doutrinadores partem de um subjetivismo para um conjunto de escritos históricos. Partindo de uma temática individual que em unindo a outros pesquisadores, com ideologias idênticas, se constroi uma linha de pesquisa em uma determinada época. Pode se dizer que um estudo científico, seja em qualquer área não se afirmará sozinho, dependerá de muitos fatores como a aceitação do grupo a quem o texto está implicitamente ou explicito direcionado.

Um texto não é criado pensando no aspecto histórico, mas ele pode se transformar, adquirir características históricas quando ele estabelece relações com outras linhas de pesquisas, e quando estes textos têm a mesma temática e conseqüentemente ocorre uma ligação com outros pesquisadores. Pois sendo assim, vários doutrinadores, de uma mesma veia ideológica, podem ter seus escritos transformados em história. Tais textos nos são apresentados para que possam servir de subsídios para a produção de novas produções científicas.

É por meio de um método de pesquisa que se chega a um resultado. Na verdade este resultado pode ser tanto no ambiente teórico como prático. O interessante é que surgem a partir de um procedimento científico obras, textos que serão usados por outros pesquisadores. O autor de uma obra nunca imagina os efeitos que ela terá na sociedade. Qual será sua repercussão? Esse mesmo questionamento pode ser feito com um texto que, hoje, acreditamos ser literário e com o passar do tempo ganha outras características.

Um exemplo muito conhecido sobre a afirmação do parágrafo anterior são as "Cartas escritas por Pero Vaz de Caminha". Quando ele as escreveu ao rei de Portugal, sua intenção era descrever tudo o que ele havia observado na terra descoberta, no entanto, mais de quinhentos anos depois, este mesmo escrito tornou-se histórico,

trabalhado tanto na literatura quanto na história. Portanto, seja para fins de impressionar o público, para comercializar livros, para difundir pesquisas científicas os textos terá sua função.

Acerca dessa questão Certeau (1982) diz que o livro ou artigo histórico é:

Como o veículo saído de uma fábrica, o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma "realidade" passada. É o produto de um lugar. (CERTEAU, 1982, p. 64).

Sendo assim o estudo de um texto histórico é muito mais complexo do que simplesmente identificar a época em que foi escrito. Com também não deve ser confundido como uma mera análise comparativa das realidades (passada e atual). Mas deve-se observar em qual ideologia o discurso foi montado, querendo ou não tal ideologia é influenciada pela postura, estrutura que cada sociedade transmite.

Em nosso próximo tópico discutimos acerca dos discursos montados atribuídos a história e a literatura, suas relações e características mais peculiares.

1. 1. A HISTÓRIA E LITERATURA

A história tem uma grande importância e influência na forma de se fazer e pensar literatura, pois as atividades humanas fazem parte de uma realidade construída pela história, tais “realidades” são reconstruídas em textos literários visto serem produzidos por autores, influenciados pela sociedade na qual estão inseridos.

Na história encontramos o desenvolvimento das ações dos homens enquanto seres pertencentes a uma sociedade. Na literatura a imagem do homem é mostrada da forma que o autor imagina, por meio de personagens e narradores.

Pode assim dizer que as obras literárias trazem uma representação da “realidade” implícita. Os acontecimentos registrados na obra literária, indiscutivelmente, são perpassados para as gerações, que por sua vez tomam conhecimento de aspectos históricos trazidos nestes textos.

A história desempenha um papel importante dentro da literatura, pois expõem circunstâncias econômicas, políticas e ideológicas, de forma geral traz aspectos sociais de uma determinada época. Por estas considerações pode se dizer que a história faz da literatura uma fonte documental para análise.

Por meio da historiografia é possível fazer um estudo do lugar social, da prática de convívio, posto que tais características estão associadas ao autor e a época a qual viveu e produziu sua obra. Para reforçar nossas ideias descritas neste parágrafo vejamos o que afirma Certeau quando se trata da inter-relação da história e a literatura:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita. Essa análise das premissas, das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto (CERTEAU, 1982. p. 56).

Acreditamos que uma realidade pode ser reapresentada em uma obra literária, tornando-se ao mesmo tempo uma “ficção” que ligeiramente surgiu de uma realidade. Pode-se dizer que uma obra será readaptada-interpretada de acordo com o meio que ela será analisada. Ela traz questões de verossimilhança com a realidade e autenticidade próprias do gênero literário. Como também a linguagem usada pelo autor podem transmitir sentidos e significados para o expectador.

Assim como diz Pimentel (2009), que a literatura por ser arte faz brotar novas releituras da realidade, isto por que o autor tem a liberdade para criar uma realidade na obra literária, enquanto que o receptor/leitor irá refletir e interpretar.

A Literatura por sua vez, é uma arte verbal, em que o autor dotado de uma percepção aguçada, vive, observa, questiona, sente seu espaço, em função disso, tem um poder imensurável para captar a realidade através dos sentimentos. Usando sua imaginação criadora faz a leitura sensível do real, portanto atribuindo um novo significado à realidade [...]. (PIMENTEL, 2009, p. 01-02).

O que ocorre com a realidade literária é exatamente mostrar o que é (foi) real, partindo de uma realidade concreta que é a própria sociedade, contudo mostrada de forma ficcional. Pelo que compreendemos, é interessante dizermos que a narrativa de um texto literário nos dá fatos prontos de um passado que ficou marcado pela história por meio de um referencial literário. Assim como afirma Pimentel:

A história são os fatos ocorridos ao longo dos tempos, como o homem sempre sentiu necessidades de expressar seus sentimentos, ele achou na literatura uma arte na qual pudesse manifestar suas opiniões, desejos, frustrações, etc. [...] (PIMENTEL, 2009, p. 01-02).

Pode-se dizer que o texto literário adquire o status de “narrativa de ficção”, pois traz uma “criação” da realidade, por meio da construção de personagens “imaginários”, em que se confunde a personagem real com imaginária, propondo emoção a quem passa a conhecer. Com a literatura se constroem histórias, que podem ser verossímeis ao expectador. Que muitas vezes se identificam, devido aos fatos narrados.

Portanto, a arte literária, embora autônoma, nunca está desvinculada da história, do contexto social e intelectual ou mesmo das ordens discursivas que regem as

sociedades e a vida humana em geral. Pois assim como a história a literatura é fenômeno social. Apesar de serem disciplinas distintas, dialogam, tendo em vista que o texto literário pode servir como objeto de análise para a história.

Partindo do discurso de que a história e literatura se relacionam. Teremos a seguinte visão: ao estudarmos a literatura fazemos uma ponte com o estudo histórico social (convívio social, culturas etc.), e tais aspectos sociais e históricos também estão contidos na literatura, assim, ao estudar o texto literário estaremos revisitando a história, pelo aspecto literário. Até por que o lugar de criação e de análise da história/literatura são objetos de intertextualidade. Assim como diz Certeau que “articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade” (Certeau, 2006, p. 69).

No próximo ponto a ser abordado neste trabalho nos debruçamos sobre a estética da recepção; concepção teórica que se volta para as condições sócio-históricas das diversas interpretações textuais: nela o discurso literário se construirá, através de processo receptivo (por parte do leitor), enquanto pluralidade de estruturas de sentido historicamente literárias. Como também teremos um esboço do crítico como leitor privilegiado e consciente de sua função que devolve tanto na sociedade como no próprio fazer literário.

1.2. A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NA CRÍTICA LITERÁRIA

Como pesquisador-analisador precisamos ter uma visão crítica e inovadora sobre determinado tema. E em face de tais pressupostos e tendo em vista que as ideias defendidas por um estudioso são descobertas e que trarão resultados para as futuras pesquisas. Propomos aqui fazer um estudo analítico comparatista, buscando uma interligação com a “estética” e a “recepção” a luz da teoria literária.

Segundo Zilberman (1989), o movimento da estética da recepção se iniciou nos anos 1960 na Europa e se expandiram para o resto do mundo com movimentos estudantis, a partir, principalmente, dos estudos de Hans Georg Gadamer e Hans Robert Jauss. Em sua conferência na Universidade de Constança, na Alemanha, em 1967, trouxe novas ideologias para os estudos e principalmente os literários. Transformação esta concebida como a “quebra do estruturalismo” e surgimento de uma teoria baseada na estética da recepção, isto é, no âmbito literário houve um deslocamento de “foco”, que até então tinha o texto como ferramenta e “objeto principal do criticismo”, levando o “leitor” para o centro das novas propostas literárias.

Mas qual o conceito de Estética da Recepção? Zilberman vem dizer, se referindo as pesquisas de Jauss, que a estética da recepção “apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o Terceiro Estado”. (pág. 10).

Olhando por este viés, há aqui uma comparação do leitor com o terceiro estado, por ele ser colocado, até pouco tempo atrás como um “marginalizado”, a quem não podia participar de forma “ativa” e “direta” (dentro de uma concepção de crítica literária), de uma análise literária. Isto é, o leitor ficaria com o encargo de ler uma obra e se “satisfazer” com o que tinha lido, mas onde ficava sua concepção, sua análise.

A estética da recepção traz o leitor como protagonista principal dessa nova fase da literatura (isto se levarmos em consideração os estudos de Jauss). Pois na literatura o leitor foi sempre “leitor” e não intérprete. Ao propor uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual, a Estética da Recepção, faz uma troca entre a teoria da produção literária (autor) e a interpretação do leitor (o sujeito estético) sobre determinada obra. Ocorre uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor.

Mas ainda há outra linha de pensamento a estética da recepção alude à obra literária (o texto) como um signo a qual o leitor dará significado, partindo de processos mentais. Dessa forma diz Zilberman, ao se referir ao texto e ao leitor:

Trata-se de um processo de mão dupla, segundo o qual “o texto guia e constrange, mas é também aberto, exigido a contribuição do leitor. Este deve recorrer seletivamente à sua experiência e sensibilidade para obter os símbolos verbais a partir dos sinais do texto e dar substância a esses símbolos, organizando-os num sentido que é visto como correspondendo ao texto”. (ZILBERMAN, 1989, p. 26).

Em seu livro Zilberman (1989) expõe a opinião de Louise Roseblatt, que por sua vez apoia-se em Iser, e afirma que a leitura deve ser entendida como uma transação entre autor e leitor; passa-se, assim, a reconhecer a obra como uma via de mão dupla, em que o significado de tal texto depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela.

Pode-se dizer que a estética da recepção apresenta-se como uma nova tendência no mundo da crítica literária. Contudo há uma ponte com a historicidade, posto que a própria estética está inserida na história e a história retratada na literatura.

Como o leitor é o receptor, ele é autor de uma compreensão única, sendo relevante a incorporação do contexto histórico no qual as obras foram construídas e nas quais estão sendo consumidas como um elemento importante para sua compreensão e consequentemente a exposição crítica da análise realizada pelo leitor.

Reza os bons estudiosos da estética da recepção (Jauss e outros), que enquanto leitor também somos receptor e intérprete/analizador de um texto.

É nesta seara de acontecimentos que se desencadeia um método diferenciado de interpretações textuais voltadas ao leitor e que por sua vez todos os fatores que o cercam como: ambiente social, cultural e político da época, irá servir como fundamentos básicos (mas não podemos esquecer o intelecto) para se construir seu próprio discurso crítico teórico. É evidente que a questão da estética e recepção se volta para “o perceber, compreender e interpretar”. “uma metodologia para conhecer a literatura (Zilberman)”. Tendo o leitor como elo principal do processo literário.

Levando em consideração esta nova teoria (Estética da Recepção), a literatura, ou melhor, o campo da produção literária, ganha outras configurações, como uma maior

circulação na massa popular, entre os leitores do campo intelectual. Com isso há um novo viés onde o objeto literário não é apenas materialista, mas denota um sentido de significados, a partir da recepção de cada leitor.

Portanto, encontramos aqui uma divergência entre o formalismo (que priorizava a forma) entre a “estética da recepção” (que se articula na interpretação/significado), pois na estética cada leitor terá sua própria percepção da leitura (é um sujeito autônomo).

Fazendo uma relação, chegamos à conclusão que o leitor e o texto não devem ser desmerecidos de atenção, pois o primeiro é essência da análise de uma obra. Vale salientar que experiência literária do leitor é importante, pois tendo um conhecimento amplo no campo literário facilitará sua análise e suas interpretações.

Ao compararmos textos literários podemos observar que eles realizam uma abordagem da teoria e da crítica literária. Uma análise nos leva a observar nos textos muito da história da literatura, e o conceito que o leitor tem de cada tema.

A leitura que procuramos fazer dos textos literários está ancorada nas ideias do fundamento do objeto de estudo. A crítica torna-se mais importante que a ordem cronológica (o diacronismo ou siconismo), pois esta última não consegue atingir a historicidade das obras tornando algo tecnicista.

Contudo o que foi descrito até o momento tem-se uma ideia de que se pretendia assumir através da perspectiva do leitor que por meio das experiências teria uma nova visão de um texto. O fato de o leitor consumir obras advindas de outros períodos históricos demonstra que estas se atualizam permanentemente, e, neste processo, observa-se a participação do leitor – posição contrária à concepção de que as obras são atemporais.

Partindo do fato de que a ação do leitor não é individualista, tampouco singular, visto que as sociedades e as épocas estabelecem horizontes de expectativa dentro dos quais as obras estão situadas. O momento histórico e as experiências de um leitor são fatores que leva à análise de uma obra.

A partir dessa perspectiva o leitor terá suas próprias conclusões. Será sua estética da obra. Em tese, tem-se a distinção entre a compreensão e o discernimento, entre a experiência primária e o ato de reflexão, no qual a consciência prima pela

significação e pela constituição de sua experiência. Retornando para a recepção dos textos e dos objetos estéticos, através da distinção entre o ato receptivo e o interpretativo.

Falando em interpretações/análises e trazendo estes fenômenos para o campo da literatura. Pode se dizer que o sujeito é quem interpreta e dá sentido ao texto, a partir do contexto histórico buscando investigar o mundo pessoal das experiências e não um ente que realiza uma leitura e apenas aponta seu resumo sem fazer uma abordagem intrínseca e interpretativa da obra ou obras. Não fica preso apenas à biografia, ou contexto histórico, mas que a leitura e a interpretação sejam baseadas no texto na íntegra e sua inter-relação com o momento agora e o momento no qual foi desenvolvido. Portanto, toda obra torna-se independente, pois a partir do momento em que ela é exposta ao público cada um terá uma interpretação individual formulando sua crítica estética.

É possível compreender, agora, que os textos trazem uma visão geral de estruturas estéticas e críticas. Levando um leitor/pesquisador ao prazer reflexivo e a função comunicativa de que a arte seja em qualquer modalidade (escrita, plástica ou em outro segmento), desencadeia a convicção de que a função social artística é efetuada em sua interação com outros âmbitos da experiência, com outras áreas de significação da vida. Principalmente quando aproximamos o objeto estético do nosso cotidiano, como é apontado no estudo.

Quantos aspectos importantes que fazem parte de nossa história e que estão presentes nas obras as quais escolhemos como base de estudo (“Otelo” de William Shakespeare e “O Mulato” de Aluísio Azevedo). São vários os fatos e aspectos, que os autores trazem nos textos, (sejam de ordem científica, social, cultural) e que analisamos. Mas a questão da “*Representação da pessoa negra*” será focada.

Nesse processo o leitor não pode deixar passar despercebidos tais aspectos, sendo ele um leitor/receptor/crítico literário. Isto se coloca pela necessidade de se definir como a experiência e a expectativa se relacionam e para ter um maior conhecimento, produzindo assim um momento de nova significação.

Portanto, o pensamento de Jauss, traduzido por Zilberman, denota que a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação passa do

texto imutável para o leitor, possibilitando que a literatura, como objeto em contínua e constante transformação, se mostre aberta e passível às interpretações de seus leitores.

Diante do exposto, compreendemos que o surgimento de um livro, sua reedição, a fortuna crítica, sua caracterização em um critério de valor e sua classificação dentro de um movimento literário quaisquer desses eventos podem ser considerados fatos literários que podem ser recebido pelo leitor/receptor para que o mesmo possa “incorporar concepções que permitam esclarecer, sobretudo as relações entre a literatura e a vida prática” (Zilberman, p. 108).

CAPÍTULO II

HISTORICISMO E CULTURALISMO PRESENTES NAS OBRAS LITERÁRIAS

2.1 CULTURA E SOCIEDADE

Para falarmos sobre culturalismo e historicismo, fazendo uma abordagem no campo da literatura, cabe-nos nesta introdução de capítulo fazermos uma exposição do que denota a cultura na visão de alguns pesquisadores.

Toda cultura tem sua particularidade e tais aspectos são diferentes devido aos caminhos seguidos por ela, seguindo um processo histórico. Isto é, os fenômenos culturais são caracterizados como as diversas formas de vivência do homem e que a cultura se desenvolveu mediante alguns conhecimentos que o ser humano foi adquirindo ao longo da história, ao mesmo tempo o homem influencia a cultura e ela ao homem.

Uma questão que se deve observar, quando se fala sobre cultura, é que muitos pesquisadores associam o determinismo biológico e geográfico, o primeiro estar ligado a características genéticas como influenciador do comportamento do homem, enquanto no geográfico estaria entrelaçado com o espaço físico e a sua supervalorização.

Laraia (2009) trabalha com a operacionalização da cultura e as formas pelas quais a cultura influencia o comportamento social e diversifica a humanidade, cada povo deve ser compreendido e respeitado independente das formas de culturas desenvolvida por este grupo.

Na verdade não existe um fim de compreensão de cultura, cada povo terá seu conceito de cultura, da qual suas características são vividas por eles.

Portanto, isto nos dar um entendimento acerca do dinamismo cultural, posto que é de suma importância considerarmos outras formas de culturas diferente da nossa, tentando evitar comportamentos preconceituosos, sem classificar “tal” cultura como “inferior” ou “superior”, posto que todas são culturas.

Na perspectiva de Silva (2004) a cultura é “entendida como valores, representações, símbolos e patrimônio, assimilados e compartilhados por uma

comunidade, encontra-se no centro dos questionamentos das ciências humanas, em geral, e nos debates sobre a comunicação, em particular”.

Pode se dizer que cultura condiciona a visão de mundo do homem, como também faz um destaque especial ao respeito da diversidade cultural.

A cultura possui traços distintos e tais distinções fazem parte da linguagem, das artes, das crenças como também dos hábitos, em geral das produções artísticas e dos modos da mesma. Devido a esses traços marcantes é que caracteriza a identidade do povo.

Em toda sociedade é notório vermos a presença da literatura entrelaçada ao culturalismo, que por sua vez não tem como se desligar do historicismo. Como separar estas três correntes se elas dialogam entre se? Obviamente a literatura carrega a característica de unir, oral, o real e o fictício, ora o imaginário retratando a realidade. Mas percebemos que as obras trazem aspectos que nos dá a ideia de fatos históricos de um povo, de uma época, de uma “Cultura”.

Podemos assim considerar que autores literários se apropriaram de um fato extremamente histórico transformando-o em arte literária. A palavra de Sena Júnior vem reafirmar cultura, história, literatura, e leitores todos estão intrinsecamente ligados.

Nesse ínterim, as noções que se acoplam mais habitualmente à de “cultura” para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de “linguagem” (ou comunicação), “representações” e de “práticas” (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as “práticas discursivas” como as práticas não discursivas). Dessa maneira, a nova História Cultural interessa-se pelos sujeitos produtores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos “intelectuais” de todos os tipos, até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada “indústria cultural”, buscando localizar os “encontros” entre as diferentes manifestações culturais (SENA JUNIOR, 2010, p. 02).

Quanto aos aspectos culturais, nas obras que escolhemos para análise, há dois pontos que gostaríamos de enfatizar com maior alusão: sobre a “proibição” do casamento, tentando evitar a “mistura” de uma família vista socialmente como da “elite”. Como homens que tinham seus valores individuais e culturais, os quais não deveriam ser minimizados.

2.2 HISTORICISMO E CULTURALISMO: DISCUTIDOS PELO VIÉS DE UM PESQUISADOR

Mas ao falar de historicismo e culturalismo se faz necessário sabermos, em linhas gerais, a noção do que essas expressões representam comum nos nossos dias.

Pode-se dizer que o historicismo, enquanto linha de estudo, puramente pertencente ao mundo da história, no entanto, como fora discutido no capítulo anterior, estas duas linhas de pensamento (historia e literatura) estão correlacionadas.

Mas o historicismo denota uma corrente de pensamento que se configura dentro das ciências sociais. Na escola historicista, o sujeito (historiador) tem um contato direto com seu objeto de estudo, não se afastando do mesmo, pois ambos se “refletem entre si”. Assim reafirma Pedro Ferrari, usando as palavras de LÖWY.

Para nós, interessa o que esta corrente vem nos oferecer no campo de estudo histórico e cultural como fundamentação de estudo comparativo e analítico. Pois reza esta corrente que os fatos, sendo eles sociais, políticos, culturais, são também fatos históricos e devem ser analisados e compreendidos dentro de seus processos históricos. Como o homem pertence à história, seu conhecimento vale o merecimento de pesquisas e análises. Pois o sujeito/historiador-pesquisador faz parte da pesquisa, faz parte da história, assim como uma personagem faz parte de uma obra e conseqüentemente esta obra mostra a sociedade. Portanto, pesquisa deve estar inserida no curso do processo histórico (em evolução histórica).

Sendo assim, podemos dizer a partir de uma corrente historiográfica as análises/pesquisas serão renovadas a cada e (re) construídas a partir de uma ideia a qual deve ser fundamentada de forma teórica ou prática. Isto é, a primeira ideia construída e analisada será usada de base para outros estudos.

Contudo isto não nos levará a mesma ideia formulada e discutida anteriormente, no capítulo primeiro. Esta linha de raciocínio, nos dar a visão de que o leitor (como receptor e intérprete de uma obra) terá perspectivas diferentes sejam feitas do mesmo fato, mas com um viés puramente novo. Ocorre que as diferenças e

transformações sofridas pelos textos são necessariamente adaptações feitas às necessidades e expectativas do leitor.

Isto nos leva a citar aqui outra tese, baseada na seguinte posição: que cada historiador/leitor/espectador irá construir a partir de sua leitura de texto/mundo o seu ponto de vista, assimilando de forma relativa o contexto histórico, social e cultural o qual ele mesmo está inserido assim como o texto.

Nesse sentido, Certeau diz que:

Mas o historiador não se contenta em traduzir de uma linguagem cultural para outra, quer dizer, produções sociais em objetos de história. Ele pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o estatuto de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/cultura (CERTEAU, 1982. p. 56).

Temos a partir disso que a história cultural se debruça nos aspectos culturais (também sociais e naturais), são os produtos históricos. Pode assim dizer que o contexto de estudo é o social. Em nosso caso particular uma obra literária. Mas não apenas obras literárias, clássicas ou não, mas tudo o que se faz presente dentro do universo cultural e histórico se configura como mecanismos de produção dos objetos culturais. Há uma metodologia empregada neste processo que torna conhecimento em pesquisa científica e ao mesmo tempo empregando técnicas de historicidade e culturalismo. Certeau ao se referir ao processo/método de pesquisa diz que:

Tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em "isolar" um corpo (CERTEAU, 1982. p. 73).

Assim o pesquisador (seja no âmbito da literatura ou não), deve se deter a uma linha principal e restrita. Não podendo se expandir, mas o intuito é exatamente restringir para a análise chegar a um resultado mais preciso. O pesquisador se apropria de fatos literários, culturais, sociais e históricos. Estuda sobre estes temas, ou melhor, sobre o tema o qual selecionou e desencadeia uma atividade investigativa

(observadora), e analítica. Vale salientar que é com base na observação das sociedades que os culturalistas desempenham a função de aproximar a cultura dos indivíduos.

Em outro aspecto, ao menos importante, ao realizar uma pesquisa o pesquisador historicista nos traz a tona verdades e conhecimentos historicamente relativos, posto que como fora afirmado em linhas anteriores, o leitor/receptor (pesquisador de uma obra literária), terá seu próprio ponto de vista e construirá outra linha de pensamento baseada no que ele pesquisou.

Usando as palavras de Certeau, para esclarecer que uma pesquisa necessita de um rol de fontes seguras que possam fundamentar o estudo que será desenvolvido. “estabelecimento das fontes (pela mediação de seu aparelho atual) não provoca apenas uma nova repartição das relações razão/real ou cultura/natureza; ele é o princípio de uma redistribuição epistemológica dos momentos da pesquisa científica”. Ou seja, as fontes além de auxiliar o pesquisador são postas aqui como uma construção do conhecimento e redistribuição do mesmo dentro do trabalho desenvolvido.

Em uma pesquisa científica, os dados observados, coletados, organizados, fundamentados e difundidos pelo pesquisador são verdades próprias dos conhecimentos produzidos pela ciência, pois a ciência possibilita isto. E assim, em uma dimensão “estética” (estudada no capítulo anterior), a questão da intertextualidade ou do diálogo que um texto estabelece com outro, dentre aspectos diversos, como seus mecanismos de “recepção”, a qual pode ser pensada como uma forma de produção de novos sentidos e significados.

Nesse sentido, chegamos à construção da seguinte ideologia: ao estudar uma obra literária, estaremos mergulhando em um universo repleto de história, onde encontraremos uma sociedade (passada ou nem tanto assim), um ambiente cultural característico de uma região. É também construir um novo discurso, seja com teorias ou prática. É dar sentido, significado pro um novo viés a uma obra criada há muitos anos atrás ou publicada nos dias atuais.

Em toda sociedade é notório vermos traços distintos, como é o caso da cultura literária, e quando um pesquisador busca familiarizar com tal tema o qual despertou seu

interesse ele tráz junto com a pesquisa historicidades divergentes, no entanto o vínculo construído pela leitura é contemporâneo e falará sempre de sua história, enquanto leitor. É o que pretendemos ao comparar as obras de Shakespeare (Otelo) e de Aluísio de Azevedo (O Mulato), a relação que pode ser estabelecida entre o leitor de outrora e o leitor/intérprete de hoje. Pois são realidades literárias diferentes, mas ao mesmo tempo denotam aspectos similares. Pode ser visto o confronto com as dimensões históricas de outras sociedades e de outros tempos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE COMPARATISTA A LUZ DA REPRESENTAÇÃO DA PESSOA NEGRA NAS OBRAS LITERÁRIAS: O MULATO E OTELO

Percebemos nessas duas áreas do saber que ambas trazem aspectos que nos dá a ideia de fatos históricos de um povo. A diferença está que na literatura as personagens são “recriadas” reis, rainhas, príncipes, heróis. Enquanto na história essas mesmas personagens são reais impregnadas de um social que nos remete ao passado, no momento atual.

Nesta parte do nosso trabalho nos reportamos, sobre tudo, ao que foi dito nos capítulos anteriores de forma que este capítulo vem reforçar o que já foi esclarecido nos anteriores quando se fala da importância da literatura como construção de fato histórico.

Este terceiro capítulo vem mostrar o quanto a literatura e a história estão interligados, seja de forma direta ou indireta. Pois no estudo analítico e comparatista dessas duas obras é trazida a luz da historiografia aspectos marcantes das épocas, das formas sociais as quais são retradas nos textos, o modo das pessoas ver o outro e entre outros aspectos.

Contudo, vale salientar que são textos literários (não necessariamente fictícios), mas que transmitem muito sobre a história. Não são puramente textos para deliciar uma leitura, mas para servir de base para estudos científicos. Cabe dizermos que tanto os textos literários quanto sua parte histórica são postos e carregados de significação em se tratando da construção das identidades humanas coletivas e individuais.

3.1 – OTELO, O MOURO DE VENEZA, DE SHAKESPEARE

As profundas mudanças por que passou a Europa no final da Idade Média expressaram-se, no plano da cultura, em uma verdadeira revolução: O Renascimento, que se iniciou no século XIV e se estendeu até o século XVII por toda a Europa. Os artistas, escritores e pensadores renascentistas exprimiam em suas obras, os valores e a visão de mundo da nova sociedade. Durante essa época existiu uma grande necessidade por parte dos estudiosos de tentar conhecer, descrever e estabelecer entre os fatos observados na natureza e no próprio ser humano. Dentre estes estudiosos esteve William Shakespeare que conseguiu propagar seu ideal humanista entre os ingleses e o resto do mundo.

Shakespeare encaixa-se no renascimento inglês, pois, é natural da Inglaterra, é considerado o maior dramaturgo literário universal. Ele nasceu aos 23 de abril de 1564, numa cidade do interior, casou-se aos 18 anos com Anne Hathaway, com quem teve três filhos, chegando a falecer no mesmo dia que nascera em 1616, aos 52 anos de idade.

O início de sua carreira deu-se com a publicação de poemas narrativos e também alguns sonetos. Foi autor de comédias e tragédias como Romeu e Julieta (1594-1595), Macbeth (1606), A megera domada (1593-1594) e Otelo (1604-1596) Shakespeare teve uma vida poética bastante agitada, não parava de produzir. Em suas peças históricas destacam-se Ricardo II (1595-1596), Henrique V (1598-1599) e várias outras que fascinaram e continua fascinando o mundo, por onde essas peças são encenadas, mesmo depois de mais de quatrocentos anos encantam as plateias, fervorosamente.

Em suas obras abordaram os conflitos humanos nas mais diversas dimensões: pessoais, sociais, políticas etc, em Otelo que é nossa área de estudo, é uma peça bem valorizada, onde há uma dura dualidade social com a questão do “branco” e o “negro”, o primeiro na figura de Desdêmona e o segundo com o protagonista principal Otelo, mesmo tendo esta importância na peça, à personagem que mais se destaca é Lago, o vilão.

A obra em si é um magistral estudo psicológico dos protagonistas do conhecimento da alma humana, as personagens são apresentadas pelo autor deduzindo perfeito contraponto entre os diálogos e monólogos, utilizando-se de linguagem poética.

Otelo é um general a serviço do Doge, que é duque de Veneza. Em casa de um dos senadores veneziano de nome Brabâncio, Otelo narra suas aventuras e suas batalhas heroicas. Sempre observado e ouvido atentamente por Desdêmona, filha de Brabâncio. A jovem desperta uma admiração por Otelo, que logo se transforma em amor, amor este que também é sentido pelo Mouro. Segundo Correia: a expressão “mouro” surgiu por questões de naturalidade e mesmo de forma errônea pelo aspecto religioso também, confirmado no fragmento a seguir:

Mouros são os naturais da Mauritània, um país africano. No passado, quando a Mauritània adotou como religião o islamismo, a palavra “mouro” passou a ser usada como sinônimo de mulçumano ou islâmico, o seguidor do islamismo na Península Ibérica, embora, na verdade, não tenha esse significado. Ela também já foi associada ao pagão, ao não cristão, ao inimigo, aos negros e principalmente, aos escravos (CORREIA, 2004, P. 11).

Otelo, “o mouro”, por tantas vezes foi chamado assim, essa denominação estava relacionada preconceituosamente, por ele ser originário do continente africano, ser negro, ter sido escravo e possivelmente um não cristão. Dessa forma era visto como um homem de coragem, virtuoso, grande militar vitorioso e destemido, porém o preconceito estava presente na sociedade veneziana, que detinha opiniões apenas pela cor da pele ou origem, opiniões estas pré-concebidas.

O continente africano foi um dos mais explorados pelos países europeus. Começou com a exploração da mão de obra, durante séculos, os negros eram retirados à força das suas terras para trabalharem para os brancos cuidando de suas terras e dos animais, pois se afirmava que o negro tinha prática aperfeiçoada com este tipo de trabalho.

Era assim que Otelo era visto, como um humano feito para a guerra, na visão dos chefes de poder daquela época. Ele só poderia oferecer seus préstimos com conhecimentos militares a força brutal, como se o negro não conseguisse desenvolver atividades intelectuais.

Uma das primeiras formas de preconceito que encontramos na obra é quando Lago, o vilão, alerta Brabâncio da fuga da filha com o mouro. Ele, Lago descreve Otelo como um animal repudiando a cor negra pronunciando-se da seguinte forma: “agora mesmo, neste momento, um velho bode negro está cobrindo vossa ovelha branca” (SHAKESPEARE, 1998, p.21).

Após esta caracterização da personagem, fica claro o ódio que Lago sentira pela pessoa de Otelo e de forma preconceituosa, destrata imagem comparando-o a um “bode velho negro” não pela referência ao animal, já que trata Desdêmona como uma ovelha. Porém, o significado dessa expressão, sua pronúncia dá, ao nosso entender, que o “bode” por ser muitas vezes empregado aos homens feios, mulatos e crioulos de forma libidinosa e sátira, “o velho” seria mencionado pela diferença de idades entre Otelo e Desdêmona, que também não deixa de ser outro preconceito, não racial, mas de idades e, por último o “negro”, está explícita na presença da raça, por Otelo descender da África.

De acordo com as afirmações de Liebig: “É comum encontrar negros que ficam embaraçados ao descrever ou se referir a si próprios e a outros negros”. (LIEBIG, 2007, P.198). Muitas das vezes eles se sentem acuados em pronunciar que são negros e substituem o termo por “moreno ou escuro”, negando sua origem, ou por estarem acostumados a esconderem a palavra que realmente os qualifica: negro.

Na peça ocorre exatamente isto: a negação, o complexo de inferioridade, pois o próprio Otelo achava-se indigno de ter a doce Desdêmona como esposa por ser homem duro, habituado às guerras enquanto ela sensível e meiga. Em uma de suas falas, Otelo chega a dizer que é um “negro sujo” e desmerecedor da jovem.

Otelo, a obra, expõe o conflito de uma sociedade burguesa e um negro africano, que fora escravizado e, no entanto, conseguiu tornar-se um bom general, porém o fato de ser negro e não fazer parte desta sociedade, não possibilitaria envolver-se com a filha de um senador veneziano, assim pensavam muitos que tomaram conhecimento do ocorrido. Era uma ofensa aos “costumes sociais”, Brabâncio tinha repúdio só em pensar que seus herdeiros seriam negros.

Como o general Otelo estava a serviço do Doge, que era chefe supremo em Veneza e este necessitava dos seus préstimos para enfrentar os otomanos em Chipre,

o Doge deixa que Desdêmona faça sua escolha, com relação ao esposo ou ao pai, mesmo depois de Brabâncio ter acusado Otelo de usar feitiços para conquistar sua filha. De acordo com ele, só através de feitiçaria ou drogas ela teria esse comportamento, se antes não pensava em casamento, como pudera ter fugido com aquele homem inferior a ela. Na época em estudo a simples suspeita que alguém pudesse usar feitiçaria era suficiente para que no mínimo fosse preso ou levado ao Tribunal de Inquisição por ser considerado herege. Enfim Desdêmona escolhe a Otelo e justifica que ama o pai. A mãe de Desdêmona preferiu o marido, afastando-se dos pais agora ela Desdêmona faria o mesmo.

Otelo depois de casado parte para Chipre, deixando a esposa aos cuidados de Lago com a ordem de levá-la ao seu encontro, pois não tinham tido a lua-de-mel. Lago por sua vez cheio de ódio decide que irá fazer de tudo para destruir o mouro. Com a ajuda de Rodrigo, que fora rejeitado por Desdêmona coloca em prática seu diabólico plano. Lago detinha esse ódio pelo mouro, por inveja. Em seu ponto de vista sendo ele um negro tinha conseguido o que Lago desejara.

Lago consegue seus objetivos, envenenando o mouro contra sua esposa, ao ponto do amor transformar-se em ódio. O homem dócil transformou-se em assassino do seu grande amor. A desconfiança e o ódio estavam presentes no coração de Otelo. Como ele achava-se inferior a jovem branca e esta por pertencer a alta sociedade, encantara-se com suas histórias apenas e como deixou o pai, poderia deixá-lo por um moço de sua categoria ou simplesmente de “cor branca”, as suspeitas recaíam sobre Cássio um capitão florentino. Neste outro trecho, Shakespeare nos remete a representação feita sob a figura de Otelo: era negro, escravo, mas seus valores, sua bondade, seus feitos heroicos, a personalidade, a forma de tratar sua esposa, tantas qualidades não a fariam amá-lo? A prova maior disto é que tinha o escolhido como marido.

Mesmo com tantas diferenças físicas ou sociais, eles tinham algo em comum: o amor que fez Desdêmona enfrentar a sociedade cheia de preconceito da cor e acima de tudo o próprio pai. Para os outros, Otelo era visto como o negro, o mouro de Veneza, grande militar, mas Desdêmona via o interior das pessoas, não só a imagem.

Otelo sem perceber as mentiras de Lago, mata sua esposa e logo descobre que não passava de um triste engano proposital e termina suicidando.

Enfim, o conflito sofrido por Otelo no seu interior condiz com a fragilidade da alma humana, da insegurança deste, sentindo-se inferior ou pelas atitudes preconceituosas que sofrera. A figura da personagem negra, mostrada na peça “Otelo” seria uma inovação na literatura da época, tratando a questão racial e a discriminação sofrida pelo povo africano. Temáticas como o amor, o ciúme, a morte, a cobiça, as oscilações entre o bem e o mau também são apresentadas e com certeza temas relevantes para futuros estudos e reflexões.

3.2. O MULATO, DE ALUÍSIO AZEVEDO

No Brasil da segunda metade do século XIX, ocorriam profundas mudanças, afetando a economia, a política e as manifestações artísticas. A economia açucareira encontrava-se em decadência, e essa situação piorou com a extinção do tráfico de escravizados, fazendo com que o centro econômico se deslocasse para o sul, devido à forma de economia que surgia, a cafeeira.

É nesse clima sociopolítico que chega ao Brasil a corrente filosófica positivista, que defendia a importância da ciência para a vida do homem sugerida à busca do conhecimento positivo, da realidade, concreta, objetiva obtida através de análise e experimentação. Também surgiu o evolucionismo, uma teoria fundamentada na ideia de evolução dos seres vivos, mas a influência do positivismo foi maior entre nós.

Nesse cenário surgiu no Brasil o realismo em 1881 e paralelamente caminha também o naturalismo uma tendência dentro do realismo. Esse estilo de época tinha três pontos principais: a igreja, a família e a sociedade burguesa. Os escritores dessa época procuravam descrever com realidade os costumes e a relação entre os humanos. Foi com essa forma realista que surgiu no Brasil um importante escritor: Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires (Argentina), em 21 de janeiro de 1913.

Passou sua infância em São Luís, na adolescência tinha grande interesse por desenhos o que auxiliou na aquisição da técnica que empregará mais tarde ao caracterizar os personagens de seus romances. Lançou livros como Cortiço, Casa de Pensão entre outros. Em 1881 escreveu O mulato, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense, não só pela crua linguagem naturalista, mas, sobretudo, pelo assunto de que tratava: o preconceito racial. O livro não foi bem aceito no Maranhão, mas agradou à Corte.

Aluísio não criou tipos, pois, não se detinha a analisar as almas de seus personagens, mas condensou variados aspectos da sociedade da época: o negro, o mestiço, o português ambicioso, o fidalgo burguês. No mulato há uma ligeira crítica a igreja. Apontando como obra inaugural do naturalismo brasileiro, O mulato é um

romance escrito em terceira pessoa, relatando a vida no interior do Maranhão, os costumes, as pessoas e seus preconceitos.

O mulato conta a história de Raimundo e Ana Rosa, o amor impossível dos dois primos, pois as barreiras do preconceito os impediam de viver esse amor livremente, não por serem primos, mas principalmente por Raimundo ser filho de uma escrava, uma negra retinta que se envolveu com José um português e seu senhor. Desse envolvimento nasceu o Raimundo, o nosso mulato, com os olhos azuis, cabelos pretos, tez morena e amulatada.

Muitos foram os negros trazidos da África para o Brasil, para aqui serem escravizados, nessa época, por ser considerada a defensora dos oprimidos a igreja não se opunha contra à escravidão. Considerava os negros como raça inferior e que deveria ser “submissos” aos brancos e que dessa forma seria mais fácil cristianizá-los.

Os negros trazidos do continente africano junto com os índios que aqui já estavam e os europeus formam a identidade do Brasil, no fragmento a seguir isso fica bastante evidente, segundo Andrade:

Do ponto de vista étnico, grande parte da população brasileira é negra, mulato-mestiça do negro com o branco – e cafuza mestiça do negro com o índio. Há uma grande concentração de negros e de mestiços com sangue negro nas áreas em que houve nos períodos colonial e imperial, maior concentração de escravos, como vale do Itapecuru no Maranhão. (ANDRADE, 2001, P. 14).

Foi exatamente na região do Maranhão, que o autor de O mulato deu ênfase a essas misturas de raças da qual surgiu Raimundo. Nosso protagonista bem de vida economicamente, pois seu pai antes de ser assassinado a mando do então padre Diogo, deixou tudo pronto para que seu filho tivesse bons estudos e não lhe faltasse nada. Apesar de Raimundo ser formado em Direito, ter bons modos, ser bem sucedido; estas condições não o ajudavam a casar com Ana Rosa. O motivo, vocês já imaginam, sendo ele mulato e ela branca como a neve. Não, não é a cor da pele, mas sim o preconceito que a família de Ana Rosa e a família de Raimundo cultivavam sendo ele o sobrinho do pai de Ana Rosa. Manoel deixou isso bastante claro, não concorda com o casamento por ele ser filho de escrava e mulato em uma de suas falas ele afirma: “ O senhor, porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos! (...) teria que

quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei (...) “ (AZEVEDO,1987, p.132). Agora tudo se encaixava o repúdio que a sociedade tinha-lhe, a frieza de certas famílias, de alguns conhecidos do seu tio, da avó de Ana Rosa.

Diante da recusa de casamento, Raimundo não esqueceu Ana Rosa, mas já havia se conformado e pretendia ir embora para à Corte, como eram seus planos iniciais, mas ele antes iria casar-se por conveniência e também por insistência da moça, que sempre houvera oportunidade declarava seu amor ao rapaz.

Ela sabendo da decisão do pai e a não persistência de Raimundo passou dias e dias melancólica, pois desejava o mulato para seu esposo, com mais fé que antes. A velha Bárbara que tinha repúdio a quem era negro, só faltava arrancar o couro dos escravos, com surras, referindo-se sempre ao mulato como o “cabra” percebeu o descontentamento da neta e falou-lhe da seguinte forma:

Pois olha: se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, Por esta luz que está nos alumando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue! (...) Deus que leve quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes que a terra há de comer, descendente meu coçando orelha com o pé! (AZEVEDO, 1987, p.140).

Mais uma vez a denúncia do preconceito quando uma parenta prefere a morte de sua neta, (considerada a segunda filha) do que permitir o casamento com um negro.

Diante de todas essas controvérsias, Ana Rosa não se abateu por inteiro, no dia da viagem de Raimundo eles encontram-se na casa de Manuel e ali Ana Rosa entregou-se de corpo e alma. Depois do ocorrido os amantes ficaram trocando cartas às escondidas, agora Raimundo desejava ir embora, mas queria levar a sua amada. Porém através das cartas, o padre que agora era Cônego Diogo, junto com o Dias, este último, caixeiro de Manoel, com quem o Cônego e a família de Ana Rosa aprovariam o casamento, tomaram posse de uma das cartas, onde estava tramada a fuga dos amantes. Descobertos a jovem declarou diante de todos que esperava um filho de Raimundo, o Cônego afirmou que era mentira, pois se assim fosse ela teria confessado a ele, Raimundo saiu dali prometendo a Ana Rosa que iriam ficar juntos. Mas na mesma noite, encorajado pelo “santo” padre Diogo, o Dias assassinava Raimundo, a

jovem amada quando o vô morto aborta. Depois de algum tempo Ana, casou-se com o Dias, com quem teve três filhos.

Na obra em questão, a igreja não foi poupada e Aluísio Azevedo fez alusões ao anticlericalismo que na figura do padre Diogo se observou à hipocrisia, devaneios, manipulação dos fiéis e duas vezes assassino.

Observamos o grotesco para fazer uma denúncia social, no caso do preconceito levado ao extremo, o padre que serviu mais o diabo que a Deus, as fofoqueiras, os interesseiros e oportunistas.

Aluísio ao escrever O mulato, estava preocupando-se com a abolição da escravatura, tomando partido o mulato, o homem de cor, idealizando exageradamente personagem Raimundo com ingenuidade e bondade. Vemos também o triunfo do mau sobre o bem, os crimes ficam impunes e os assassinos acabam se dando bem o padre é promovido a Cônego e o Dias acaba casando com Ana Rosa.

3.3. OTELO E O MULATO, SEMELHANTES E TRÁGICOS

As duas obras literais que comentamos deste trabalho, pertencem a momentos distintos da literatura universal. A peça “Otelo” foi escrita no século XVII e por sua vez faz parte da literatura estrangeira. O mulato, um romance narrativo foi lançado no século XIX, introduzindo o naturalismo no Brasil.

No entanto, as duas obras fazem alusões ao preconceito racial, principalmente no Mulato, que trata essa questão na visão social. Com a ideia de que existe raça superior e inferior e que os personagens discriminam, “Otelo” e “Raimundo”, mesmo os tais “brancos superiores” necessitam da ajuda deles, ou com interesse e sempre os exploram para fins pessoais. Porém não existe raça superior ou inferior e sim diferenças regionais e linguísticas. A biologia humana não irá determinar a subordinação entre povos vencidos, por exemplo, mas muitas vezes um indivíduo torna-se subordinado pela conquista, pela pobreza através de armas.

Encontramos outros pontos semelhantes: é a questão da religiosidade e a cultura. No trecho a seguir, Aluísio Azevedo monta seu personagem “Raimundo”, para ser discriminado por não ser supostamente um “Cristão”:

O cabra é “bode!...” chegou ao ouvido de Diogo e segredou-lhe horripilada: É maçom! (...) Veja esta bruxaria, reverendo! Veja, e diga ao depois se o Danado tem ou não parte com o cão tihoso! (...). Além de mulato, é um homem mau, sem religião, sem temor de Deus! É um – pedreiro livre! – é um ateu! (...) (AZEVEDO, 1987, p. 110).

Raimundo fora acusado de usar bruxarias, ter parte com o demônio, na peça de Shakespeare, Otelo também é acusado de praticar bruxarias para conquistar Desdêmona, ou seja, mais um ponto em comum e também preconceituoso, agora com relação às opções religiosa dos personagens. Otelo possivelmente era mulçumano, pois o vulgo que recebera “mouro” estava ligado ao Islã e tal como Raimundo fora comparado ao “bode”.

As facetas humanas apresentadas lançam mãos do lado mau, que os personagens, usando o preconceito mantiveram.

No entanto, as obras também falam do amor. O amor que as mulheres usaram para combater o preconceito racial. Desdêmona e Ana Rosa não se importaram com a

opinião da sociedade, cada uma na sua época souberam aproveitar o amor ao lado dos seus amados, mesmo tendo que enfrentar frente à frente suas famílias que não aceitaram a “mistura de raça”. Porém depois dos conflitos um busca do amor, as duas obras finalizam-se em tragédia. Em Otelo, o vilão paga com a morte, mas em O Mulato o mal consegue ascensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho nos deixa a certeza de que há muito a ser discutido sobre este tema. As pesquisas realizadas nesta área, mesmo sendo corriqueira, nos leva a um estudo novo, isto é a partir de outro viés.

Neste sentido que procuramos trabalhar com a Literatura Comparada, Estética da Recepção, no âmbito da História e da Literatura, pois são temas que nos reputam a uma série de discussões.

Em linhas gerais tratamos, neste trabalho, de uma análise comparativa que trouxesse muito sobre a “Representação da Pessoa Negra”. Portanto, a escolha para tal feito partiu de duas obras consideradas clássicas no meio literário. Que são exatamente “Otelo” do grande dramaturgo inglês William Shakespeare, e na segunda obra, “O Mulato” de Aluísio de Azevedo.

Acreditamos que a diversidade temática no decorrer do nosso texto fica evidente, no entanto as linhas de pensamento que envolve a História, Literatura, Estética da Recepção, Culturalismo e as duas obras supracitadas estão inteiramente ligadas. E no mesmo cenário pode-se dizer que foi estudo comparativo com maestria.

É complexo e delicado o caminho entre o estudo comparativo das duas obras (Otelo e O Mulato), pois os dois textos analisados mostram muito da representação da “pessoa negra”, isto por ser um influxo com a sociedade a qual cada autor matinha convívio. Nas obras atentam-se, com certa ênfase, para o preconceito de raças, contudo inúmeros temas sociais são trazidos à luz do leitor (pesquisador) e intérprete. Pois nos é oferecido o leitor com tais características por se tratar o mesmo de opinião própria. Que a partir de leituras e investigações chega a uma determinada elaboração de suas próprias ideias. Ele (leitor) é um sujeito literário e esteticamente receptor de todo tipo de mensagens que possa ser decifrada por meio do seu intelecto.

A finalização deste estudo nos deixa a certeza que ainda ouviremos muito sobre o assunto, neste sentido nos anuncia o tema como uma proposta de estudo imensamente instigante.

Fazendo uma metalinguagem com a Estética da Recepção, cabe-nos dizer que cada um terá uma visão única da realidade, sociedade e por quanto também de

qualquer que seja o signo, pois ele construirá seu significado, assim como nós realizamos neste estudo, ou seja, o leitor não é meramente um puro decifrador de códigos linguísticos, mas traz sua parcela de contribuição como leitor e cidadão crítico.

Portanto, neste estudo caberiam muito mais interpretações e análises, e informações das que se encontram presentes aqui, no entanto, esperamos que o que nos propomos a realizar tenha sido alcançado. Como também que nossas ideias, cristalizadas neste trabalho de pesquisa, (vistas pelo olhar de um leitor, espectador, mas receptivo e analítico, características peculiares de um pesquisador), ganhe novos rumos nas mentes pensantes de outros doutrinadores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, Agassiz. **Cultura e Sociedade in: Sociedade e cultura em evolução**. Campinas, SP: Educamp, 2004.
- ANDRADE. Manuel Correia de, **O Brasil e a África**. São Paulo: Contexto, 2001.
- AZEVEDO, Aluísio, **O Mulato**. Rio de Janeiro: Ática, 1987.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010 Universidade Federal de Goiás. Disponível em: www.historia.ufg.br/uploads/.../original_ARTIGO%205_BORGES.pdf
- CARVALHAL, Tânia Franco, **Literatura comparada** . São Paulo : Ática, 2006.
- CARVALHO. Rosângela Boyd De. **O negro na literatura brasileira: a necessidade de um novo paradigma de crítica social e literária**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/>.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CORREIA, Ana Lúcia Merege. **Há mouros na costa**. In Ciência Hoje. Rio de Janeiro, novembro de 2004.
- FARRACO, Carlos Emílio/Moura, Francisco Marto. **Língua e Literatura**. São Paulo: Ática, 2002.
- FERRARRI, Pedro. **Ideologia e ciência social analisadas sobre as três grandes correntes de pensamento: positivismo, historicismo e marxismo**. RESENHA LÖWY, Michael. Ideologias e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Por Pedro Ferrari. Disponível em: <http://www.feati.com.br/revista/volumes/4/Professores/MARXISM1-Pedro.pdf>
- GARMES, Hélder; SIQUEIRA, José Carlos. **Cultura e Memória na Literatura Portuguesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LA PLANTINE, François. Marcos para uma História do Pensamento Antropológico. In: **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LIEBIG, Sueli Meira, 1974: Um olhar sobre a identidade Negra Brasileira. In Expressões da Alteridade. João Pessoa: Livro Rápido, 2007.

LOPES, Ana Lúcia. Currículo, escola e relações ético-raciais. In: **Educação africanidades Brasil**. MEC – SECAD – UnB – CEAD – Faculdade de Educação. Brasília. 2006.

MIRANDA, Célia Arns de. As controvérsias raciais em Otelo de William Shakespeare- **Revista Letras**. Curitiba, n. 77, p. 13-25, jan./abr. 2009. editora ufpr
Disponível em: ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/download/14576/12211

OLIVEIRA, Ana Maria. **A questão racial na obra “o mulato” de Aluísio Azevedo**. Disponível em: www.outrostempos.uema.br/curso/monopdf2007.2/4.pdf)

PIMENTEL, Telmo de Maia. **A estreita relação que há entre história e literatura**. Disponível em: www.univar.edu.br/revista/downloads/relacao.pdf- de - 2009.

SILVA. Helenice Rodrigues da, **Cultura, culturalismo e identidades: reivindicações legítimas no final do século XX?** 2004. Disponível em: <http://www.historia.uff.br>

SEIXAS. Raul, **Metamorfose Ambulante**. Música- Disponível em: etras.mus.br/raul-seixas/48317/

SENA JUNIOR. Gilberto Ferreira, Realidade versus ficção: a literatura como fonte para a escrita da história. Disponível em: www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf

SHEAKESPEARE, William. **Otelo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. - Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Projetando a nova história da literatura. In: ____ **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Sites Visitados:

<http://www.lendo.org/pequena-biografia-de-shakespeare/>. Acesso em 25/07/2013

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Racismo#Refr>. Acesso em 26/10/07.

www.fabsoft.cesupa.br/saber/artigos/.../ARTIGO_3-Fernanda_Costa.pdf. Acesso em 29/07/2013

<http://www.infoescola.com/historia/carta-de-pero-vaz-de-caminha/>- Acesso em 29/07/2013.

eradiologia.wordpress.com/2013/07/20/normas-da-abnt-para-a-elaborao-de-trabalhos-acadmicos-2013/#more-2440- Acesso em: 22/07/2013.

http://biblioteca.uepb.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=532&Itemid=572